

Confesso que vivo

Maria Etelvina Reis de Toledo Barros

Que ótima sensação a de voltar a escrever e me perder comigo mesma. Quase passou o prazo de envio da crônica tantas eram as opções de temas que me fascinaram. O preferido surgia geralmente no meio dos devaneios de um bom sono e me levou, por noites a fio, a embarcar numa paródia das aventuras de Forrest Gump e enumerar os encontros e fatos mais díspares que tive ao longo da minha vida quando topo, surpresa, ao ler no Estadão do dia 2 de junho, com o artigo de Ubiratan Brasil sobre o lançamento do livro “Minhas histórias dos outros” de autoria do jornalista Zuenir Ventura, nascido em junho de 1931. Trata-se, apresenta Ubiratan, de narrativas de episódios presenciados ao longo de mais de seis décadas de jornalismo, quando Zuenir testemunhou alguns dos eventos mais notórios da história do Brasil e do mundo. Nesse momento, minha crônica foi para o brejo. Como escrevê-la e ser acusada de plágio? Mas posso ousar e dar uma breve ideia do que os meus leitores perderão: o primeiro grande fato da minha vida foi sem dúvida a morte de Getúlio, pois foi feriado, não tive aula. Também em 54 aconteceu o 4º Centenário da Cidade de São Paulo. Minha família morava numa fazenda em Botucatu e só minha mãe veio, de avião da Real Aerolinhas, cujo logotipo era um anão bobo da corte, para os festejos. Trouxe como lembrança pedacinhos de lâminas prateadas lançadas em cima dos orgulhosos paulistas, guardadas por anos a fio no meu bauzinho de Emília. Daí em diante, os fatos se aceleram: minha ida a um comício na enorme e descampada Praça da Consolação, onde Jânio nos hipnotizava com sua vassoura tão necessária hoje em dia. Depois na década de 60 conheci Madame De Gaulle, em visita ao Colégio Sion, onde estudei por 10 anos e o falecido Príncipe Philip saudado pelos alunos da Cultura Inglesa. Depois, conheci Lacerda, e tantos outros políticos além de Lady Baden Powell, em 1959. Mas o encontro mais impactante foi com a “sombra” dos Beatles em Nova Iorque em agosto de 65, quando, passeando pela cidade com um grupo de bolsistas do American Field Service a espera do meu embarque para viver por uns tempos no Colorado, topamos com uma enorme algazarra de jovens saudando os *Fab Four* hospedados nas cercanias! Mas... na semana passada o telefone toca e bruscamente caio na real. Minha vida é aqui e agora, cada respiração marca o meu presente. O que se passou? Minha filha, dá a informação que aguardamos há meses: “Mamãe minha cirurgia de transplante de córnea foi marcada para segunda-feira”. Troco meu chip. Abandono os devaneios, a fonte seca, a inspiração sumiu. O passado tornou-se irrelevante, inosso, congelado, sem sentido. Agora o que importa é olhar para frente, cuidar dos filhos e o que tenho para submeter ao concurso é uma crônica inacabada, esboçada, a espera de uma outra chance de narrar sobre meus anos dourados e de chumbo. E, para terminar, afirmo com veemência que discordo totalmente de Stefan Zweig que nos iludiu por tanto tempo com sua insistência num Brasil País do Futuro.